



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

ELIZÂNGELA DA COSTA DOS SANTOS

**A LITERATURA AFRO BRASILEIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**GUARABIRA - PB
2018**

ELIZÂNGELA DA COSTA DOS SANTOS

**A LITERATURA AFRO BRASILEIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para a obtenção
do título de Graduação em licenciatura
Plena em Pedagogia.

Área de concentração: Formação de
professores

Orientadora: Prof.^a Ms^a Sheila Gomes
de Melo.

**GUARABIRA/PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S2371 Santos, Elizângela da Costa dos.
A literatura Afro Brasileira e suas contribuições para o ensino na Educação infantil [manuscrito] : / Elizângela da Costa dos Santos. - 2018.
46 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.
Orientação : Profa. Dra. Sheila Gomes de Melo, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH.

1. Educação infantil. 2. Literatura Afro brasileira. 3. Personagens negros(as).

21. ed. CDD 372.890

ELIZÂNGELA DA COSTA DOS SANTOS


**A LITERATURA AFRO BRASILEIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O
ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC
apresentado à Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito para a obtenção
do título de Graduação em licenciatura
Plena em Pedagogia.

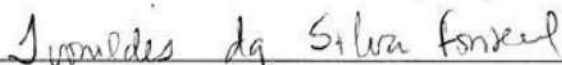
Área de concentração:

Aprovada em: 12/06/18.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ms.^a Sheila Gomes de Melo
(Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^a Dr.^a Ivonildes da Silva Fonseca
(Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof.^o Dr.^o Vital Araújo Barbosa de Oliveira
(Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, que a todo momento me deu condições para continuar perseverando e acreditando em meus sonhos. **DEDICO.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela força, coragem e determinação. Sou grata ao meu Senhor e Deus por reconhecer que Ele foi o responsável pelo meu sustento durante a longa e árdua jornada acadêmica.

Ao meu pai Iremar Fortunato dos Santos, por ter mim dado apoio nos momentos que mais precisei, pelos sábios conselhos e abraços nos dias que achei não conseguir ir adiante em um mistério chamado vida.

A minha Mãe Maria José da Costa Santos, por ter ariscado sua vida pela minha, pelas noites de sono em claro, pelas vezes que mim chamou com um copo de suco ou vitamina como incentivo para eu comer e não perder peso.

Aos meus irmãos Elizama da Costa dos Santos Farias e André da Costa dos Santos, agradeço pelo carinho.

A minha amada sobrinha Aline Santos de Farias, minha bonequinha de 03 aninhos, que mim cativa com seu sorriso. Sou eternamente grata pelos abraços e pelas vezes que disse, não chora titia, deixa eu dar um beijo nos seus olhinhos que passa.

A minhas "irmamigas" Maria da Luz de Souza Alves e Tatiany Patrícia do Nascimento, por vibrarem e se alegrarem com minhas alegrias e conquistas, mas também por terem emprestado seus ouvidos para ouvir meus desabafos quando eu sentir insegurança e medo do por vir, sendo lenços que enxugaram minhas lágrimas com várias palavras de conforto.

A minha querida discipuladora amada Elinalva Medeiros, por ter mim dado a chave de sua casa para aproveitar o silêncio e estudar com tranquilidade, por ter me ouvido quando precisei e acompanhando-me algumas vezes ao médico quando não estive bem de saúde, por acreditar em meus sonhos e me incentivar a continuar acreditando mesmo em momentos difíceis.

A minha grande amiga de turma Máisa Janielly Targino dos Santos, por ter sido minha dupla imbatível nessa árdua jornada acadêmica, por ter sido muitas vezes a polpa que adocicou ainda mais meu sorriso com suas palhaçadas, por ter feito piadas

amenizando problemas, por acompanhar minhas vitórias nesses últimos 04 anos e por entender meu desejo de voar.

Ao meu noivo Vanderlei Lucas Evangelista, por ter me dado um pedacinho de chão quando de terra firme eu precisei e um pedacinho de céu quando os sonhos me fizeram falta, pelo ombro amigo, pela mão estendida, compreensão para o meu cansaço e por muitas vezes ter sido óleo derramado sobre minhas águas agitadas.

A professora Manuela Honório, por ter aberto a porta de sua sala de aula para que eu pudesse aplicar minha intervenção e ter tirado minhas fotos com muito carinho, agradeço.

A um amigo querido, professor Eduardo Araújo, por ter aceito sem mesmo pensar em revisar esse trabalho com carinho mesmo sendo em um tempo corrido, sou grata.

A minha orientadora Prof.^a Ms^a Sheila Gomes de Melo, pela paciência, pelos encontros, orientações e preocupação que demonstrou para comigo, por ser essa pessoa simpática, atenciosa, compreensiva, em fim, por ser essa pessoa humana que és, agradeço.

Obrigada a todos e todas pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho, amo vocês!

"Depois do Atlântico, a África chama
E conta uma trama de sonhos e medos
De guerras e vidas e mortes no enredo
Também de amor no enrolado cabelo".

Valéria Belém

A LITERATURA AFRO BRASILEIRA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão no que diz respeito ao preconceito racial na educação infantil, o porquê acontece, e como a postura do educador e da escola pode intervir diante de situações que promovam o racismo entre crianças, como também repensar no papel da instituição na formação de identidades através das relações étnicos - raciais. O texto foi construído em quatro capítulos: No primeiro apresentamos as perspectivas introdutórias deste estudo; no segundo capítulo "A infância: dos aspectos históricos ao contexto educacional"; no terceiro "A lei 10.639/03: Aplicabilidade na educação infantil" e no quarto capítulo "Metodologia: pesquisa ação a partir da literatura infantil O Cabelo de Lelê da autora: Valéria Belém". Para o embasamento teórico utilizamos como: Abromovich (2004), Andrade (2010), Arboleya (2018), Ariés (2011), Bezerra (2016), Bulaty (2017), Brasil (1996 e 2004), Careno (2015), Dallabona (2017), Kuhlmann (2015), Melo (2015), Mandaduruku (2014), Priore (2008), Ramos (2008), Rivas (2018), Santana (2006), Santos (2016) e Sarmento (2007). Esta pesquisa se deu de forma qualitativa, onde foi realizada pesquisa ação. Com esta pesquisa constatamos que as atitudes infantis envolvendo questões raciais não se tratam de racismo, pois as crianças ainda estão em desenvolvimento.

Palavras-chave: Educação infantil. Literatura Afro brasileira. Personagens negros(as).

ABSTRACT

The present work aims to reflect on racial prejudice in early childhood education, why it happens, and how the attitude of the educator and the school can intervene in situations that promote racism among children, as well as rethinking on paper of the institution in the formation of identities through ethnic - racial relations. The text was constructed in four chapters: In the first we present the introductory perspectives of this study; in the second chapter "Childhood: from historical aspects to the educational context"; in the third "Law 10.639 / 03: Applicability in early childhood education" and in the fourth chapter "Methodology: action research from the children's literature *The Hair of the author's Lelé: Valéria Belém*". For the theoretical basis, we use as Abromovich (2004), Andrade (2010), Arboleya (2018), Ariés (2011), Bezerra (2016), Bulaty (2017), Brazil (2017), Kuhlmann (2015), Melo (2015), Mandaduruku (2014), Priore (2008), Ramos (2008), Rivas (2018), Santana (2006), Santos (2016) and Sarmiento (2007). This research was done in a qualitative way, where action research was carried out. With this research we find that children's attitudes involving racial issues are not about racism, since children are still developing.

Keywords: Child education. Afro Brazilian Literature. Black characters.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - DESCONSTRUÇÃO DA COR BRANCA COMO DO BEM E DA COR PRETA COMO DO MAL.....	32
FIGURA 2 - DESCONSTRUINDO A IMAGEM DA BONECA BRANCA COMO A BOA E DA NEGRA COMO MALVADA.	32
FIGURAS 3 E 4 - CONTAÇÃO DA HISTÓRIA ATRAVÉS DE FIGURAS ILUSTRATIVAS.	33
FIGURA 5: VÍDEO COM A HISTÓRIA "O CABELO DE LELÊ" DA AUTORA: VALÉRIA BELÉM.	33
FIGURAS 06, 07, 08 E 09 - CONFECÇÃO DO CARTAZ "SOMOS TODOS DIFERENTES COM DIREITOS IGUAIS".....	34
FIGURA 10 - CONFECÇÃO DO CARTAZ "NOSSA LELÊ".	35
FIGURA 11 - NOSSO CARTAZ FINALIZADO.....	35
FIGURA 12 - LEMBRANCINHAS CONFECCIONADAS MANUALMENTE.....	36
FIGURA 13 - CARTAZES PRODUZIDOS COLETIVAMENTE PELA CRIANÇAS DO PRÉ II.	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. A INFÂNCIA: DOS ASPESTOS HISTÓRICOS AO CONTEXTO EDUCACIONAL	16
2.1 AS CONCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A INFÂNCIA: A CRIANÇA DE ONTEM E DE HOJE.....	16
2.2. A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE A CRIANÇA NEGRA.....	21
3. A LEI 10.639/03: APLICABILIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
3.1. AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	24
3.2 LITERATURA INFANTIL COM PERSONAGENS NEGROS	27
4. METODOLOGIA: PESQUISA AÇÃO A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL " O CABELO DE LELÊ" DA AUTORA: VALÉRIA BELÉM.....	30
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E INSTRUMENTOS DA PESQUISA	30
4.2 RESULTADOS DA PESQUISA.....	31
5. CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE	42
APÊNDECE - A - PLANO DE AULA	43
ANEXOS	45
ANEXO - A - CAPA DO LIVRO UTILIZADO "O CABELO DE LELÊ"	46
ANEXO - B - TERMO DE CONCENTIMENTO	47

1. INTRODUÇÃO

O racismo pode está relacionado a três conceitos-chaves: estereótipo, preconceito, e discriminação. Estereótipos são ideias ou convicções produzidas a partir de uma conduta de um indivíduo, onde carrega determinada característica e passa a ser generalizada para todos os demais. O Preconceito, por sua vez, é um prejulgamento ou opinião formada antes que se possa conhecer o objeto da opinião. Geralmente as concepções preconceituosas estão presentes no senso comum e são passadas de geração em geração. A discriminação é uma manifestação do racismo, que viola os direitos das pessoas, pois as classificam segundo critérios injustos como raça, sexo, idade, religião, sexual etc. Segundo MELO (2015) Racismo é uma ideologia baseada na ideia de que existem raças humanas e que há hierarquia entre elas (MELO; CARENO, 2015).

Sabemos que o preconceito é construído muito cedo, e que se as crianças não forem preparadas no momento certo, jamais poderão desconstruir as visões preconceituosas que aprenderam. Por este motivo, citaremos a educação infantil, pois ela é a base para o aprendizado da criança e um momento decisivo para sua formação intelectual, afetiva e social.

Nas escolas, as crianças chegam cheias de pensamentos estereotipados, no que diz respeito a vários segmentos do meio social como, por exemplo, os negros. Em nossa cultura diversas atitudes e práticas racistas são cristalizadas no comportamento das crianças desde muito cedo, portanto, é imprescindível que o professor(a) da educação infantil esteja sempre atento a essas manifestações para que possa fazer intervenções pedagógicas mais assertivas no sentido de desconstruí-las.

O presente trabalho faz uma reflexão no que diz respeito ao preconceito racial na educação infantil, o porquê acontece e como a postura do educador e da escola pode intervir diante de situações que promovam o racismo entre crianças. Nesse sentido propomos repensar o papel da instituição na formação de identidades através das relações étnico-raciais.

Trabalhando em uma escola pública municipal, sob um contrato, na cidade de Mulungu PB, realizando a função de professora auxiliar presenciei situações constrangedoras entre crianças/crianças com faixa etária de 4 anos e

professor(a)/crianças com as relações ético-raciais, isso repercutiu em mim um incomodo mas até então não sabia como lidar com a situação.

Chegando ao quarto período do curso de Pedagogia, tive a rica oportunidade de pagar o componente curricular Educação de Afrodescendentes, componente esse que foi de suma importância para minha formação acadêmica, pois, ele mim propôs um novo olhar sobre o negro e subsídios que mim deram um norte e suporte com fundamentações teóricas para desenvolver um melhor trabalho com esse público em sala de aula.

Vislumbrando mudanças comecei a trazer propostas para promover oficinas de contações de histórias, fazendo a utilização de literaturas com personagens negros com atividades pedagógicas, com a visão de trazer a implementação da lei nº 10.639/03 (BRASIL, 2003) para dentro da minha sala de aula, mas infelizmente, meus objetivos foram frustrados pela professora titular que não queria que seus alunos tivessem contato com livros de "histórias de nego e macumba". Ela preferia outras histórias infantis tradicionais, como "A branca de neve e seus sete anões", "A bela adormecida", "Pequena sereia", entre outros.

Tendo em vista minha experiência prévia em sala de aula e diante de todos os empecilhos, surgiu em mim a vontade de aprofundar os estudos em literatura afro brasileira e suas contribuições para o ensino na educação infantil. Meu objetivo era, por meio da literatura, lutar contra os paradigmas raciais que eu presenciava em sala de aula.

Esta pesquisa é resultado destes estudos e observações. Buscamos através dela, mostrar a necessidade, de que sejam elaboradas condições para a convivência com a diferença racial, como também a importância do compartilhamento, pelas crianças pequenas, do patrimônio cultural construído historicamente pelos diferentes grupos.

É fundamental destacar que a herança de nossos antepassados está sempre presente, em algum lugar dentro de cada um de nós. Podendo emergir está presente no cotidiano. Herança essa, tão diferente para cada um de nós. Como também ter consciência de que fazemos parte de diferentes grupos, com histórias diferentes.

O Brasil é um país marcado por contradições, onde vivem diversos grupos sociais, com características étnicas, culturais e socioeconômicas distintas. Neste contexto é comum ocorrerem práticas excludentes e discriminatórias nas relações.

Nosso estudo é direcionado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresentaremos as perspectivas introdutórias deste estudo. No segundo capítulo, intitulado: “A infância: dos aspectos históricos ao contexto educacional”, discorreremos a respeito do processo histórico da história da infância, a forma do olhar direcionado a esta fase e as conseqüentes mudanças apresentadas no decorrer da história e como a educação infantil chegou ao nosso país, trazendo um olhar sensível voltado para a criança negra. O terceiro capítulo faz um levantamento sobre a Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003) e sua aplicabilidade na educação infantil como também explicita uma breve análise conceitual da importância da literatura infantil com personagens negros e no quarto capítulo trouxemos como a Metodologia da pesquisa-ação a partir da literatura infantil "O cabelo de Lelé" de Valéria Belém.

2. A INFÂNCIA: DOS ASPESTOS HISTÓRICOS AO CONTEXTO EDUCACIONAL

"O termo infância apresenta um caráter genérico, cujo significado resulta das transformações sociais, o que demonstra que a vivência da infância modifica-se conforme os paradigmas do contexto histórico" (ANDRADE, 2010, p. 55).

Diante disso, podemos perceber que o contexto sobre a criança e a infância modificou-se ao longo dos anos. Nos dois capítulos seguintes destacaremos a imagem da criança e da infância no passado e nos dias atuais como também traremos a chegada da educação infantil no Brasil com um olhar sensível a criança negra, considerando que todas nascem livres, são diferentes, tem os mesmos direitos e nenhuma vida vale mais que a outra.

2.1 AS CONCEPÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A INFÂNCIA: A CRIANÇA DE ONTEM E DE HOJE

Em todas as dimensões do cuidar e educar é necessário considerar a singularidade de cada criança com suas necessidades, desejos, queixas, bem como as dimensões culturais, familiares e sociais (SANTANA, 2006, p.39).

O olhar direcionado à infância tem se modificado no decorrer da história, vindo posteriormente a sofrer algumas modificações. Dessa forma, se faz necessário pensarmos a infância como elemento essencial no processo histórico educacional.

Ao fazermos uma breve análise do processo histórico da infância teremos uma maior percepção acerca de alguns elementos correspondentes à mesma e passamos a comungar com Kuhlmann Jr (2015, p.13) quando diz que "o estudo do passado pode, sim, suscitar reflexões que sirvam para aqueles que trabalham com a infância e sua educação nos dias de hoje [...]". Dessa forma, acreditamos que, para termos uma melhor compreensão acerca do que discutiremos em relação a chegada da educação infantil no Brasil e o olhar sensível a criança negra na infância contemporânea, precisamos fazer um breve passeio à história da infância.

É preciso que haja a preocupação pelo conhecer, deste modo, se faz necessário conhecermos alguns elementos condizentes com a forma de ser da criança. Como diz Priore (2008, p.17) "[...] parece-nos evidente que querer conhecer mais sobre a trajetória histórica dos comportamentos, das formas de ser e de pensar das nossas crianças, é também uma forma de amá-las *todas*, indistintamente melhor". Em concordância com a autora, discorreremos sobre alguns elementos relacionados à infância.

Se tomarmos como ponto de partida os estudos da realidade européia, veremos que não era concedida à infância a credibilidade que ao longo do tempo passou a ser atribuída, conforme nos mostra o historiador francês Ariés (2011, p.10) "Até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância". É possível observarmos que de acordo com os relatos do autor, durante muito tempo não havia a distribuição da infância e adolescência na sociedade europeia, o que nos leva a acreditar que não existia uma preocupação significativa para com a fase da infância nesse período, uma vez que não procuravam atender as necessidades da mesma. Como podemos ver no texto acima analisado, a infância nesse período não era reconhecível.

Percebemos que durante muito tempo a criança não tinha a visibilidade, diferentemente, no século XVII passamos a observar um pequeno destaque em relação à representação das crianças através dos retratos. Pois, sabe-se que:

A descoberta da infância começou sem dúvida no século XVIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII (ARIÉS, 2011, p.28).

Ariés (2011, p.99) diz que "na sociedade medieval, [...] o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas ou desprezadas", o que o autor quer dizer é que na sociedade medieval o sentimento da infância era ausente, pelo fato de não haver uma credibilidade voltada à importância da mesma.

Ao analisar a obra de Kuhlmann Jr. (2015, p.18) explanamos que "Ariés identifica a ausência de um sentimento da infância até o fim do século XVII, quando teria iniciado uma mudança considerável". Ariés (2011, p.100) ainda elucida que "um

novo sentimento da infância havia surgido [...], um sentimento que poderíamos chamar de "paparicação" e tal sentimento é considerado pelo autor como o primeiro sentimento da infância.

Nesse sentido, notamos que aos poucos vai se percebendo a criança, mas isso não quer dizer que lhe era atribuído o significado e/ou reconhecimento que se devia. É preciso ir além do sentimento que corresponde a simplesmente afeição pelas crianças, estas precisam ser reconhecidas na sua particularidade, tal particularidade consiste em reconhecer a particularidade infantil, sabendo diferenciar a criança do adulto, considerando a infância como uma fase importante e a criança como um ser inteligente e com potencial.

Dentre várias concepções atribuídas à infância, também podemos colocar a questão voltada para o psicológico e a moral da criança. Ariés (2011, p.104) aponta que "tentava-se penetrar na mentalidade das crianças para melhor adaptar a seu nível os métodos de educação". Podemos então entender e perceber que a preocupação era adequar o raciocínio da criança aquilo que lhe parecia propício. Procuravam então, educá-las e discipliná-las da forma que julgavam ser correta. As crianças precisavam ser treinadas e disciplinadas para serem adultas. É interessante notarmos que muitas vezes a educação é tida como mecanismo para obtenção de determinados fins.

No decorrer da história a forma de olhar a infância vai sofrendo algumas alterações. Aos poucos vai surgindo o reconhecimento que deveria estar voltado para com essa fase. Como vimos anteriormente, a visão que era voltada para as crianças durante muito tempo na França não tinha grande significado, pois não havia um reconhecimento por parte daqueles que direcionavam o seu olhar. Isso impedia muitos de ver a criança como sujeito que além de estar inserido na sociedade, também precisava ser reconhecido como sujeito histórico e de direitos. De acordo com Kuhlmann Jr:

Pensar a criança na história significa considerá-la como sujeito histórico, [...]. Para tanto, é importante perceber que as crianças concretas, nas sua materialidade, no seu nascer, no seu viver ou morrer, expressam a inevitabilidade da história e nela se fazem presentes, nos seus mais diferentes momentos (KUHLMANN JR, 2015, p.30).

Conforme vimos no pensamento do autor acima citado, é preciso que a criança seja reconhecida como sujeito histórico, uma vez que este ser é parte integrante e indispensável na história. Portanto, é preciso atribuir às crianças os seus devidos direitos. Não podemos negar a necessidade do reconhecimento inevitável da criança ao considerarmos sua importância e/ou contribuição para o processo histórico.

Sendo assim, "a infância não pode ser pensada apenas como uma peça do cenário educacional, político, econômico, mas, um elemento essencial da história da produção e reprodução da vida social" (BULATY; PIETROBON, 2010, p.1). Assim, a história da infância traz em si uma proporção significativa cujo olhar deve ser direcionado de forma diferente de outrora. A infância precisa ser reconhecida na sua total essência.

Vale destacar que as concepções a respeito da infância no Brasil não diferem muito dos relatos da Europa ocidental, sobretudo na França, apresentado por Philippe Ariés. Percebemos que até mesmo no país em que vivemos nem sempre a criança teve seu espaço garantido e/ou respeitado.

No início do século XVI, algumas crianças quando embarcavam juntamente com imigrantes rumo ao Brasil, não eram respeitadas, como bem ressalta Ramos (2008, p.48) que "em meio ao mundo adulto, o universo infantil não tinha espaço: as crianças eram obrigadas a se adaptar ou perecer". É perceptível que o olhar direcionado para a criança não tinha grande significado, nesse momento as crianças viviam situações difíceis, muitas eram maltratadas e tratadas de forma violenta.

A autora Priore (2008, p.84) destaca que "[...] na mentalidade coletiva, a infância era, então, um tempo sem maior personalidade, um momento de transição e por que não dizer, uma esperança". A forma da visão voltada para criança não tão significativa. Ainda segundo Priore (2008, p.100) "a formação de uma criança acompanhava-se também de certa preocupação pedagógica que tinha por objetivo transformá-la em um indivíduo responsável".

A preocupação pedagógica correspondia no preparo da criança para assumir responsabilidades que provavelmente não conduzia com sua fase. Não vemos nesse momento uma preocupação com a particularidade da criança que visasse à fase da infância como primordial para um bom desenvolvimento.

A criança precisa viver cada fase no seu devido tempo. Dallabona (2004, p.6) aponta que “é preciso respeitar o tempo da criança, sua maneira absolutamente original de ser e estar no mundo, de vivê-lo, de descobri-lo, de conhecê-lo, tudo simultaneamente”. Deve haver certa preocupação em respeitar o espaço e a vivência da criança.

Em contrapartida, começa a ser direcionado um olhar diferenciado para a criança, olhar que chega a despertar em alguns a preocupação da elaboração de leis. Muitos passam a acreditar que a criança precisa ter seus direitos e deveres legitimados, de forma que a criança passasse a ser vista de outra maneira. Surge então um olhar sensível às suas necessidades da criança, um olhar completamente novo.

A partir disso, surge então uma preocupação que mobilizou muitos a busca de algo que além de reconhecer a criança na sua totalidade, também a reconhecesse como sujeito de direito. Com esse pensamento iniciou-se a elaborar documentos legalizados, expressando através destes “um dever” voltado para a criança, se assim podemos dizer. Aquilo que por muito tempo não fora atribuído à criança por não haver um maior reconhecimento, agora buscam reconhecer, garantindo através das leis, os direitos às crianças.

Aos poucos a criança passa a ter visibilidade que outrora não tinha, além de ter seus direitos assegurados em vários dispositivos jurídicos que legitimam a proteção. Dentre tantos documentos podemos destacar, na realidade brasileira a Constituição Federal e o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Se formos fazer uma análise veremos que, houve um planejamento dos documentos que tratam sobre os direitos da criança e do adolescente. Priore (2008, p.366) ressalta que “sem dúvida, a Constituição e o ECA exigem um Estado presente no dia a dia zelando pelo futuro das crianças e adolescente”.

O ECA foi criado como medida de proteção para crianças e adolescente. Um documento exclusivamente voltado para estes, onde a criança e o adolescente deverão estar protegidos quando estiverem em risco o seu direito à vida, à saúde, à liberdade, ao respeito, à dignidade, à integridade física e moral, entre outros.

É preciso que a criança seja realmente reconhecida como sujeito de direito, sujeito que além de estar inserido na sociedade também tem contribuído de forma

significativa no processo histórico nas mais diversas sociedades. O que vamos analisar a seguir é se a criança negra é contemplada com esses direitos.

2.2. A EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL: UM OLHAR SENSÍVEL SOBRE A CRIANÇA NEGRA

Longe estamos de garantir cobertura de atendimento em Educação Infantil para a grande maioria da população brasileira (SANTANA, 2006, p.33).

Considera-se educação infantil a primeira etapa da Educação básica, período esse que vai de 0 à 6 anos da criança. A LDB 9394/96 afirma que: "é dever do Estado garantir essa primeira etapa da Educação Básica a toda criança por ser um direito e optativa a família por não ser obrigatória", mas vale ressaltar que "de acordo com dados do Unicef, a população [...] negra são os [...] mais excluídos do acesso à educação na faixa etária dos zero aos seis anos" (SANTANA, 2006, p.33).

Além de acolher esse público no âmbito educacional, o Estado também precisa proporcionar uma educação de qualidade, a infância é uma etapa da vida que precisa de atenção, nessa fase se faz necessário um cuidado um tanto quanto especial, pois, nessa etapa da vida, toda vivência é marcada desde condições materiais à afetivas e interfere diretamente no desenvolvimento da criança, por isso Santana diz que:

É com o outro, pelos gestos, pelas palavras, pelos toques e olhares que a criança construirá sua identidade e será capaz de rerepresentar o mundo atribuindo significados a tudo que a cerca. Seus conceitos e valores sobre a vida, o belo, o bom, o mal, o feio, entre outras coisas, começam a se construir nesse período (SANTANA, 2006, p.32).

Vale destacar que existem crianças sofrendo preconceito, discriminação e sendo vítimas de racismo por pessoas próximas, resultando dessa forma, a esses pequenos, no presente e no futuro, inúmeras marcas negativas. Vale ressaltar que o racismo pode ser expresso de maneira explícita e implícita. A sua parte explícita consiste em ofensas verbais e está presente também nas ações de discriminações, ele acontece em menor proporção devido a legislação brasileira que condena o uso dessas práticas. No entanto, o racismo é mais comum em sua forma implícita, pois acontece de

maneira sutil, subjetiva, e muitas vezes imperceptível, tornando mais difícil seu combate. Na educação infantil não é diferente, Abramowicz e Oliveira afirmam que:

[...] Mesmo na faixa etária a partir de 4 anos de idade, as pesquisas na área de educação infantil já apontam a existência da problemática racial entre crianças e adultos, sendo que esses últimos acabam utilizando práticas cotidianas que podem até mesmo reforçar o racismo, levando as crianças negras a um processo de socialização diferente da criança branca [...] (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012, p.54).

Assim compreendemos que a educação infantil e a questão racial, não deve ocorrer de maneira isolada, ela é parte de um processo lento e gradual, que se construiu no Brasil, e que a criança deve ser vista apenas como sujeito de direitos sendo acolhida, respeitada e amparada nas instituições educacionais que a recebem.

A escola tem um papel muito importante na contribuição no combate ao preconceito, através do trabalho efetivo com práticas anti racistas, buscando assim a construção de uma auto imagem positiva da criança negra. Por esta razão si faz necessário que este trabalho se inicie ainda na educação infantil, pois essa é uma etapa importante do desenvolvimento do sujeito e Lei.

A construção da autoimagem é adquirida através do processo de auto conceito, sendo este adquirido através da aprendizagem. Ao interagir com pessoas, em princípio, no âmbito familiar e posteriormente nas relações escolares, a criança recebe um retorno que pode ser verbal ou simbólico, podendo reforçar ou desconstruir a imagem positiva ou negativa que ela faz de si mesma. De certo modo, é possível concluir que a criança se enxerga nos olhos do outro.

Compreende-se então que a construção da identidade de um individuo se dá através de um processo múltiplo e dinâmico. Pode-se afirmar que a sociedade brasileira é bastante preconceituosa por apresentar uma tendência de classificação das pessoas como superiores ou inferiores pela diferença de raça, religião, posição econômica, sexo, entre outros, a partir disso podemos dizer que tal influencia na construção da identidade da pessoa negra recebe influencia, na maioria das vezes de forma negativa.

Desse modo é perceptível a falta de políticas de igualdade, para a construção de uma identidade positiva, pois, em nosso país, ainda se conserva uma herança

escravocrata enorme, podemos notar pelas desigualdades enraizadas nas políticas econômicas e públicas, principalmente na área social, estes fatos precisam de uma importância e não podem ser desconsideradas.

Segundo Dias:

A construção de uma identidade positiva é, sem dúvida, um passo importante na produção e na reivindicação de políticas de igualdade seja de gênero, raça etnia ou outra relativa pertença, pois, sem a consciência de si e do outro, podem-se tomar como naturais as desigualdades, as hierarquias autoritárias e as exclusões (DIAS, 2015, p.39).

A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é tarefa para todo educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política, como também a instituição deve contribuir para a construção da identidade das crianças e cumprir com o seu papel de socializar ao possibilitar o desenvolvimento infantil. Sobre isto Carvalho fala que:

Por meio de uma proposta pedagógica bem fundamentada, a instituição de educação infantil deve propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada que contribuam para o desenvolvimento das capacidades infantis, das relações interpessoais, favorecendo uma atitude de aceitação, respeito e confiança no outro. Além disso, precisa garantir o acesso de todas as crianças a diferentes conhecimentos e a possibilidade de expressão em linguagens as mais diversas (CARVALHO, 2012, p.90).

Manifestar-se contra as formas de discriminação é ter atitudes. E como afirma Santana (2006, p.32) tal "[...] atitudes são primordiais às educadoras que buscam realizar a tarefa de ensino com responsabilidade e compromisso com suas crianças". Educadores/as precisam quebrar essas barreiras de desigualdade nas instituições educacionais e buscar maneiras que possibilitem a quebra de preconceitos.

3. A LEI 10.639/03: APLICABILIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Em que pese os esforços para que conquistas fossem garantidas no âmbito legal, a realidade não se mostra tão promissora para as crianças brasileiras, em especial para as crianças negras (SANTANA, 2006, p.37).

No dia 9 de janeiro de 2003 foi criada a Lei 10.939/03, estabelecendo obrigatoriedade do ensino de Histórias Africanas e Afro-Brasileiras no currículo escolar da educação básica. Seu objetivo é promover uma educação que tenha o reconhecimento pela diversidade e que seja comprometida com as origens do povo brasileiro.

A partir do reconhecimento da importância da referida lei, um marco na legislação educacional brasileira, discutimos nos dois itens que se seguem algumas questões étnico-raciais dentro do currículo na educação infantil como também sobre a importância da utilização de literaturas infantis com personagens negros em sala de aula.

3.1. AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

No Brasil foi construído, ao longo da história, um sistema classificatório relacionado com as cores das pessoas (GOMES, 2003, p.148).

A história do povo negro foi incluída no currículo escolar nos últimos 15 anos, para que se promovam discussões e debates em sala de aula sobre as relações étnico-raciais. A sala de aula é um espaço de caráter afirmativo para construção do saber, diante disso, o Estado trás políticas públicas, institucionais e pedagógicas propondo o

Reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história dos negros brasileiros, depende necessariamente de condições físicas, materiais, intelectuais e afetivas favoráveis para o ensino e para aprendizagem; em outras palavras, todos os alunos negros [...], precisam sentir-se valorizados e apoiados (BRASIL, 2004, p.13).

Bezerra e Costa (2014, p. 87) diz que "a educação escolar faz parte integrante do processo de humanização, socialização e formação, tem, pois de estar associada aos processos culturais, à constituição das identidades". A Lei 10.639/03 é importante para a construção de uma postura que privilegie o reconhecimento sobre a diversidade étnica, possibilitando análises sobre as discussões no que se refere as questões colocadas sobre a luta histórica do povo negro e seus valores culturais no Brasil.

Em contrapartida, percebe-se que o sistema de ensino brasileiro trás, ainda nos dias atuais, traços do racismo e da ideologia do branqueamento do contexto social, principalmente no espaço escolar. Diante disso, Santana nos mostra que:

No interior das instituições de Educação Infantil, são inúmeras as situações nas quais as crianças negras desde pequenas são alvo de atitudes preconceituosas e racistas por parte tanto dos profissionais da educação quanto dos próprios colegas [...] (SANTANA, 2006, p.38).

Vale ressaltar que o esforço para consolidação de iniciativas que visem a elevação da qualidade de vida das populações, necessariamente nos segmentos marginalizados, seja por motivos culturais, econômicos ou étnicos, infelizmente ao longo do tempo não se têm produzido resultados satisfatórios.

Na educação isso também acontece, significando que existe algo errado. É notório perceber que a escola abarca também atitudes racistas, contribuindo muitas vezes para sua reprodução. Por esse motivo devemos analisar a importância das relações étnico- raciais no combate a esses atos, principalmente porque nela existem problemas de relacionamentos entre alunos e também pelos professores, muitas vezes atribuídos apenas por aspectos físicos.

Não podemos fazer vista grossa quanto a isso. Existem crianças vivendo conflitos raciais, dentro da escola e em geral na sociedade que é preconceituosa e racista, sem entender e aceitar sua própria cor e forma dos seus cabelos crespos e cacheados. Desse modo, podemos trazer a discussão sobre o mito da democracia racial muito defendido em nossa sociedade.

O racismo, nada mais é, que uma prática social. se a escola faz a conservação de atos racistas ao negar seu papel, poderá construir e reproduzir práticas que poderá

prejudicar o desenvolvimento da criança negra no seu processo de formação. É dever da escola desconstruir essa prática social e contribuir para a construção de uma imagem positiva da criança negra. É preocupante que essas crianças cheguem e saiam da escola (quando as mesmas têm acesso), sem ter uma representatividade, sem conhecer sua origem e sua história.

Entendemos que a discriminação racial no Brasil é uma questão complexa, a luta contra o racismo não é uma tarefa fácil, mas se faz necessário lutar e buscar uma identidade cultural até então negada, isso é uma inquietação que todo profissional deveria ter, principalmente dentro da área da educação.

Precisa-se pensar em quantos direitos temos negado a criança negra no âmbito escolar, como sua cultura, sua história em livros e sua própria imagem como parte da escola. E necessário incorporar dentro do currículo pré-escolar práticas e metodologias para possibilitar uma construção para um sentimento de identificação, que regaste a história dos negros, sua herança africana e sua importância na formação cultural brasileira. O padrão sociocultural dos alunos teve ter uma relação visível com o currículo da escola.

É chegada a hora de quebrarmos o paradigma discriminação racial! Sabemos que é uma tarefa difícil, mas não impossível, uma vez que os profissionais da educação procure dar sua parcela de contribuição. Podemos começar por dois passos, sendo o primeiro o reconhecimento das diferenças existentes, pois sem esse reconhecimento, a diferença pode se transformar em desigualdade, o segundo passo é ter um olhar sensível e atento para perceber as manifestações das diferenças no cotidiano, pois como diz Santana:

A discriminação vivenciada cotidianamente compromete a socialização e interação tanto das crianças brancas quanto as negras, mas produz desigualdade para as crianças negras, à medida que interfere nos seus processos de constituição de identidade, de socialização e de aprendizagem (SANTANA, 2006, p.38).

Dentre todos os profissionais da educação, destacamos a importância da figura de educadores/as no processo ensino aprendizagem, pois são eles que trabalham

diretamente com as crianças e precisam ter uma formação adequada e continua para trazer e garantir essas contribuições positivas para promover condições de igualdade.

Precisamos, como educadores/as, fazer algo por essas pessoas que são invisibilizadas diante de nossa sociedade que é excludente, apresentando-lhes sua própria história, sua riqueza cultural e suas contribuições ao nosso Brasil miscigenado.

Para que a sociedade brasileira seja realmente democrática, os invisíveis precisam se tornar visíveis. A luta não é pela conquista de uma cor substituída por outra, não é necessário trocar branco por preto nem o contrário, não precisamos disso. O que de fato precisamos é lutar pela busca da valorização e direitos. Muitos alegam que literatura não tem cor, eu prefiro acreditar que ela precisa ser de todas as cores e nesse arco íris não deve ter espaço para preconceitos e discriminações.

3.2 LITERATURA INFANTIL COM PERSONAGENS NEGROS

"A base do pensamento é a linguagem e a literatura fornece à infância alimentos primordiais para seu desenvolvimento" (RIVAS, 2003).

No século XIII deu-se início a literatura infantil na Europa, quando as transformações sociais da época no que se referia a criança deixa de ser vista como mini adulto (RIVAS, 2003). A partir de então, se antes consumia as mesmas obras literárias dedicadas aos adultos, no novo cenário ganhou um espaço literário só para a criança.

De acordo com Rivas (2003):

No Brasil, apesar de serem publicados no início do século XIX, foi só ao final deste que os livros dedicados ao público mirim começaram a circular. Os períodos seguintes foram marcados por importantes mudanças que contribuíram, cada uma em seu tempo, para consolidar o segmento. Atualmente, a literatura para crianças ganha cada vez mais destaque e tem esse prestígio refletido no mercado editorial (RIVAS, 2003).

A leitura de textos de literatura infantil, para crianças ainda não alfabetizadas, é um caminho que leva cada uma à desenvolver a imaginação, emoções e sentimentos de forma prazerosa e significativa. O hábito da leitura na infância ajuda a despertar na

criança o senso crítico, dessa forma, podemos dizer que é de suma importância para elas como indivíduo no processo de formação e trás auxílio para o aprendizado.

O gênero literário infantil sempre oportunizou a partir de sua narrativa, influências na concepção estética e no sentido de beleza da criança, a partir da identidade étnica e cultural e da própria imagem que se constrói de cada personagem partindo-se de sua experiência no enredo da história (ARBOLEYA, 2013).

Dessa forma, faz-se necessário analisar como o povo negro é representado nas histórias infantis (quando eles aparecem), porque diante do que se refere à literatura infantil e as riquezas contidas nessas obras, ainda são desconhecidas por muitos. Carvalho muito bem se coloca ao discutir que:

Mesmo com a crescente presença dos personagens negros, estes ainda se mostram escassos mediante a imensa valorização da cultura e interesses europeus, fazendo com que muitas obras apresentem em seu cume histórias marcadas por uma representação estereotipada do negro (CARVALHO, 2016).

Isso nos leva a entender que mesmo dentro das escolas, educadores/as ainda em sua maioria, não conseguem enxergar esses livros quando entram na biblioteca de sua escola ou até mesmo as rejeitam. Dessa forma percebemos a impossibilidade da imensa beleza e riqueza da cultura africana ser conhecida nesse imenso universo de lindas princesas com pele branca como a neve, lábios vermelhos como o sangue, cabelos pretos como o ébano ou loiros como o amanhecer, lindos castelos e príncipes montados em seus grandes cavalos brancos. Sobre este aspecto Santos destaca que:

Abordar a temática Afro-brasileira, [...] ou qualquer outro tema que desconstrua preconceitos [...] na escola ou demais espaço de aprendizagem, requer práticas educativas inclusivas que viabilize a aprendizagem de maneira multicultural e vivencial em respeito à complexidade e diversidade que estes temas contemplam (SANTOS, 2016, p.30).

Para Santos o educador que tem uma visão diferenciada da maioria e opta seguir com uma nova ótica :

[...] estar indicando um caminho alternativo ao modelo eurocêntrico/universalista de educação adotado pelo sistema de ensino brasileiro ao longo de nossa história nacional e assim, construindo para a superação dos prejuízos no rendimento e acesso à educação de crianças negras/os (SANTOS, 2016, p.25-26).

Passando assim a observar cuidadosamente a literatura infantil antes de levar para a sala de aula, visando o público diverso com objetivo principal de quebrar paradigmas étnico-raciais existentes.

Precisamos defender a arte cultural que se afirma pertencente às africanidades brasileiras que si consistem e formam segundo Santos (2016, p.30) "um paradigma poderoso para revisão dos conceitos e preconceitos vigentes na cultura brasileira".

Diante de tamanha diversidade existente na escola, o educador não pode valorizar apenas a "Literatura branca" citada anteriormente. A luta é feita pelo o que de fato precisamos, uma sociedade melhor, onde os invisíveis tornam-se visíveis.

4. METODOLOGIA: PESQUISA AÇÃO A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL " O CABELO DE LELE" DA AUTORA: VALÉRIA BELÉM

A pesquisa-ação tem sido utilizada, nas últimas décadas, de diferentes maneiras, a partir de diversas intencionalidades, passando a compor um vasto mosaico de abordagens teórico-metodológicas, instigando-nos a refletir sobre sua essencialidade epistemológica, bem como sobre suas possibilidades como práxis investigativa (FRANCO, 2005, p.483).

O presente trabalho vem trazer uma abordagem qualitativa, que segundo Lüdke e André (1986, p.11) "refere-se a suposição do contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo, via de regra através do trabalho intensivo de campo", porém, seu método trata-se de uma pesquisa-ação.

A pesquisa-ação pode ser entendida como uma das muitas e diferentes formas de investigação-ação ou até mesmo uma tentativa contínua, sistemática e totalmente fundamentada para melhor aprimorar a prática pedagógica. Em resumo, podemos dizer que esse método tornou-se atualmente um termo aplicado a qualquer tipo de tentativa de melhorar ou de investigar a prática docente (TRIPP, 2015).

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E INSTRUMENTOS DA PESQUISA

Os sujeitos da minha pesquisa são os alunos da Educação Infantil, pré II, de uma escola privada, com dois anos de funcionamento, situada na cidade de Mulungu PB. A primeira etapa na escola foi uma visita com o objetivo de conhecer o ambiente escolar e fazer observação em sala junto aos sujeitos a serem investigados, também foi possível fazer o pedido do PPP - Projeto Político Pedagógico da escola.

Foi perceptível a ausência da imagem do negro nas paredes. Chegando em sala as crianças apresentaram atitudes e práticas do aspecto racista, a professora através do roteiro semi estruturado aborda sobre a concordância sobre a importância da Lei 10.639/03 inserido no contexto escolar, mas não trabalhou nada ainda por não ter acesso ao PPP da escola, estando em mãos apenas da coordenadora pedagógica. Sobre pedido

do PPP da escola não houve retorno, por esse motivo não se pode afirmar que Lei ou qualquer característica do povo negro está inserido nele.

Em meio às diversidades étnico-raciais que caracterizam nossas escolas brasileiras, nosso propósito é colaborar para educadores/as implementem os conteúdos demandados pela Lei 10.369/03, garantindo dessa forma, a educação étnico-racial nas escolas no nosso país.

Em concordância com Santos (2014, p.30) "é possível empreender que através da arte de contar histórias um conhecimento pode ser repassado de forma a oferecer material para recriação ultrapassando paradigmas e construindo novos valores", exatamente como cita Manduruku (2014, p.1), "como uma teia que une o passado ao futuro".

Diante dessa colocação, nossa segunda etapa foi a elaboração de um plano de aula voltado a contação de história com personagens negros fazendo a utilização da literatura infantil a luz do livro "O Cabelo de Lelê, da autora: Valéria Belém", para assim, trazer a sala de aula uma abordagem sobre a história do povo negro.

4.2 RESULTADOS DA PESQUISA

Provavelmente, a consciência que a criança adquire é de que seu corpo provoca essas rejeições, e essa percepção pode estabelecer uma relação ruim com esse corpo. A associação da cor preta com sujeira apareceu seguidamente em situações de discriminação. Dessa e de outras formas, o corpo negro passa a ser sentido como corpo que traz dor, corpo indesejado, que precisa ser modificado. E, como corolário, coloca-se o desejo de ter um corpo branco, aquele considerado bonito, agradável. (BENTO, 2012, p.111)

Todo o desenvolvimento da pesquisa foi feito em cinco etapas. Na primeira, iniciamos colocando dois potes de tintas sobre a mesa, um com a cor branca e outro com a cor preta seguida da pergunta: Qual cor representa o bem e qual representa o mal? (respostas livres) em seguida foi mostrada duas bonecas, uma com a pele branca e outra com a pele negra também seguida da pergunta: Qual boneca é a boa e qual é a malvada (respostas livres).

Figura 1 - Desconstrução da cor branca como do bem e da cor preta como do mal.



Fonte: A autora (2018).

Diante do que se esperava como repostas, na segunda etapa, foi feita uma reflexão dando o exemplo das crianças que são brancas e negras, para assim, desmistificar que a cor branca e a preta não representam o bem e o mal, assim como as bonecas, não existe uma boa e outra malvada.

Figura 2 - Desconstruindo a imagem da boneca branca como a boa e da negra como malvada.



Fonte: A autora (2018).

Na terceira etapa trouxemos a história "O Cabelo de Lelê" da autora: Valéria Belém fazendo a utilização das figuras ilustrativas impressas a partir do próprio livro, explicando passo a passo a história e em seguida, colocamos o vídeo que tem como

título mesmo nome do livro (disponível no youtube) para melhor compreensão da história da personagem Lelê.

Figuras 3 e 4 - Contação da história através de figuras ilustrativas.



Fonte: A autora (2018).

Fonte: A autora (2018).

Figura 5: Vídeo com a história "O cabelo de Lelê" da autora: Valéria Belém.



Fonte: A autora (2018).

Na nossa quarta etapa foram desenvolvidas duas atividades relacionadas em cartazes. Na primeira pintamos a mão direita para carimbar na cartolina, em seguida colamos os olhos, fizemos a boca com cola vermelha e colamos um lindo laço amarelo feito com fita de cetim, construindo a imagem da personagem Lelê com a palma da

mão, assim formaremos nosso primeiro cartaz que teve como título **Somos diferentes com direitos iguais.**

Figuras 06, 07, 08 e 09 - Confeção do cartaz "Somos todos diferentes com direitos iguais".



Fonte: A autora (2018).



Fonte: A autora (2018).



Fonte: A autora (2018).



Fonte: A autora (2018).

Na segunda atividade pegamos uma figura impressa da personagem Lêle para pintá-la na cor de sua pele e também colamos linha de lã preta em seus cabelos para formarmos lindos cachinhos, em seguida, colamos na cartolina formando o segundo cartaz que teve como tema **Nossa Lelê.**

Figura 10 - Confeção do cartaz "Nossa Lelê".



Fonte: A autora (2018).

Figura 11 - Nosso cartaz finalizado.



Fonte: A autora (2018).

Na quinta e última etapa, finalizamos com a entrega das lembrancinhas. A primeira, foi confeccionada com pirulitos e imagens da personagem coladas no EVA vermelho e outra foi confeccionada com palitos de picolé, com a imagem da lembrancinha anterior colada no EVA amarelo com glitter, incluindo o título “Somos diferentes, com diretos iguais” e abaixo coladas balinhas de café.

Figura 12 - Lembrancinhas confeccionadas manualmente.



Fonte: A autora (2018).

Em detrimento sobre a arte de contar história Abramovich vem citar que:

[...] é ouvindo histórias que se pode sentir (ou não) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em que as ouve com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos imaginários (ABRAMOVICH, 1989, p.17).

De fato, as histórias são representações do coletivo que possibilita aos ouvintes a identificação que acarreta o conhecimento e a valorização de sua origem. Pode-se concluir que ao fazer uso da literatura oral dentro do âmbito educacional, o aspecto cognitivo dos alunos é impactado positivamente, permitindo que eles ao público alvo o prazer pela leitura, o desenvolvimento cognitivo, o conhecimento sobre a diversidade racial e cultural existente em nosso país e o respeito pelo diferente. (SANTOS, 2014).

Fazendo uma ponte diante do que os autores acima nos trazem, podemos destacar que o uso da literatura infantil com personagens negros em sala de aula é algo positivo, pois, esse tipo de livro se diferencia de alguns outros por neles conterem

imagens ilustrativas ajudando a criança que ainda não sabe ler, a criar através dessas ilustrações enredos e percepções usando aquilo que eles sabem nessa faixa etária, o mundo da imaginação.

Figura 13 - Cartazes produzidos coletivamente pela crianças do pré II.



Figura: A autora (2018).

O educador pode se apropriar e potencializar essa característica, pode transformá-la em um dos recursos que o proporcionará de forma dinâmica o trabalho para tratar das relações étnico-raciais, para assim, romper paradigmas existentes em nosso país miscigenado mas com grandes e profundas raízes europeizadas, promovendo o respeito pelo diferente de forma simples e eficaz no sentido de tempo e espaço.

5. CONCLUSÃO

A escola é o reflexo da sociedade, os problemas que ali estão, são também problemas presentes em nosso meio social. A ideia sobre a imagem do branco como belo e do negro como feio, está presente em todos os espaços sociais, inclusive nas instituições escolares e nas famílias, tais estereótipos orientam o posicionamento das crianças brancas e negras dentro das escolas.

Embora, para os dois segmentos- escola e família- o entendimento possa ser semelhante, o branco é bom e bonito, e o preto é ruim e feio, com certeza o sentimento que surge diante dessa realidade é a compreensão de que há uma superioridade dos não negros em relação aos negros. Geralmente, cada um de nós, gostamos de nossas características que são apreciadas pelos outros, pois, necessitamos de imagens positivas acerca de nós mesmos.

Com a criança não é de forma diferente. Quando ela recebe mensagens constantes de que não é tão bonita, por exemplo, quando seus coleguinhas analisam e expressam seus traços como feios e que possui expressão de sujeira, conseqüentemente teremos um enorme problema, na formação da identidade dessa criança.

A importância do corpo para a construção da identidade não deve ser desconsiderada. Assim, as experiências de discriminação vivenciadas pelas crianças negras, podem explicar a constante tendência delas se sentirem desconfortáveis com seus corpos e a desejarem um corpo branco, o corpo branco por sua vez, vai sendo reforçado como belo.

Cabe enfatizar que, professores/as nem sempre podem interferir em equívocos dos pais ou desfazer danos psicológicos. Eles podem sim, criar ambientes educacionais propícios para que as crianças possam produzir novas identificações positivas e construir sua identidade própria, buscando o desenvolvimento e o respeito da criança negra. Isso ocorre a partir da vivência contínua em sala de aula buscando construir um espaço simples, porém, hospitaleiro em relação à criança negra e as suas características físicas e culturais, onde o mesmo possa ser considerado.

Com esta pesquisa constatamos que as atitudes infantis envolvendo questões raciais não se tratam de racismo, pois as crianças ainda estão em desenvolvimento. Esse trabalho contribuiu de forma significativa para os sujeitos da pesquisa, pois, através do mesmo as crianças puderam refletir sobre questões de diferenças e igualdades.

Diante disso podemos afirmar que a presença de elementos da cultura afro-brasileira, principalmente contidas em literaturas com personagens negros e sobre crianças negras, são de extrema importância para contribuir de forma significativa a garantia de uma sociedade igualitária.

REFERÊNCIAS

ABROMOVICH, Dany. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2004.

ANDRADE, LDP. **Educação infantil: discurso, legislação e práticas institucionais** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acesso em: 16/08/2017.

ARBOLEYA, Valdinei José. **O negro na literatura infantil: apontamentos para uma interpretação da construção adjetiva e da representação imagética de personagens negros**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-negro-na-literatura-infantil-apontamentos-para-uma-interpretacao-da-construcao-adjetiva-e-da-representacao-imagetica-de-personagens-negros>. Acesso em: 21/04/2018.

ARIÉS, Phillippe. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. Ed.2. Rio de Janeiro: LCT, 2011.

BEZERRA, Rosilda Alves; COSTA, Maria Suely. A Lei 10.639/03 e o combate ao racismo através da literatura infantil e suas relações étnico-raciais. In: FONSECA. Ivonildes da Silva; COSTA, Marta Furtado; CHAGAS. Waldecir Ferreira (ORG). **Estudos étnico-raciais na educação básica**. João Pessoa: Editora Imprell, 2016.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino da História afro-brasileira e africana**. Brasília/DF: SECAD/ME, 2004.

BRASIL. Lei nº9.394. **LDB - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996**. D.O.U de 23 de dezembro de 1996.

BULATY, A.; PIETROBON, S. R. G. **A construção histórica da infância: as lembranças do seu passado**. Disponível em: <http://anais.unicentro.br/seped/2010/pdf/resumo_63.pdf>. Acesso em: 17/08/2017.

DALLABONA, Sandra Regina; MENDES, Sueli Maria. **O lúdico na educação infantil: Jogar, brincar, uma forma de educar**. Disponível em:

<<http://conteudopedagogico.files.wordpress.com/2011/02/o-Idico-na-educacao-infantil.pdf>>. Acesso em: 18/08/2017.

KUHLMANN, Júnior Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Ed. 7. Porto Alegre: Mediação, 2015.

MELO, Sheila Gomes de; CARENO, Mary Francisca do. **Tabuleiro de xadrez: uma proposta para a formação de professores na perspectiva da educação das relações étnico-raciais**. In: OLIVEIRA, Dalila Andrade; FELDFEBER, Myriam; SOUZA, Elizeu, Clementino (Orgs.). Educação, trabalho docente e justiça social: desafios para uma inclusão democrática. Belo Horizonte: Editora Unika, 2015, p. 186-196.

MANDADURUKU, Daniel. **A escrita e a autoria fortalecimento a identidade**. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/iniciativas-indigenas/autori-indigena/a-escrita-e-a-autoria-fortalecendo-a-identidade#>. Acesso em: 29/07/2014.

PRIORI, May Del. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

RAMOS, Fábio P. A história trágico - marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. IN: PRIORE, Mary (ORG). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

RIVAS, Katherine. **A importância da literatura infantil no desenvolvimento da crianças**. Disponível em: <http://envolverde.cartacapital.com.br/a-importancia-da-literatura-infantil-no-desenvolvimento-da-crianca>. Acesso em: 21/04/2018.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

SANTOS, Fernanda Maria. Gira contos contadores de histórias: um relato de experiência sobre arte de contar histórias como estímulo à criatividade e à leitura em ambientes de aprendizagem na implementação da Lei 10.639/03. In: FONSECA, Ivonildes da Silva; COSTA, Marta Furtado; CHAGAS, Waldeci Ferreira (ORG). **Estudos étnico-raciais na educação básica**. João Pessoa: Editora Imprell, 2016.

SARMENTO, M.J. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELOS, V. M. R. de; SARMENTO, Júnior Moysés (ORG). **Infância invisível**. Araraquara (SP): Junqueira & Marin, 2007.

APÊNDICE

APÊNDECE - A - Plano de aula

Público alvo: Educação infantil - Sala Pré II

Conteúdo: Literatura com personagens negros.

Tema: Contação do livro literário "O Cabelo de Lelê" da autora: Valéria Belém.

Objetivo: Discutir sobre o preconceito e os diferentes tipos de beleza.

Desenvolvimento:

1º ETAPA: Iniciarei colocando dois potes de tintas sobre a mesa, um com a cor branca e outro com a cor preta. Em seguida, perguntarei para as crianças qual cor representa o bem e qual representa o mal. Deixarei eles bem a vontade para responder, em seguida, mostrarei duas bonecas, uma com a pele branca e outra com a pela negra e perguntarei qual boneca é a boa e qual é a malvada;

2º ETAPA: Diante do que se espera como repostas, trarei uma reflexão dando o exemplo das crianças que são brancas e negras, para assim, desmistificar que a cor branca e a preta não representam o bem e o mal, assim como as bonecas, não existe uma boa e outra malvada;

3º ETAPA: Seguidamente contando a história "O Cabelo de Lelê - Valéria Belém" fazendo a utilização das figuras ilustrativas impressas a partir do próprio livro (anexo capa do livro), explicando passo a passo a história e em seguida, colocarei o vídeo que tem como título mesmo nome do livro (disponível no youtube) para melhor compreensão da história da personagem Lelê.

4º ETAPA: Faremos duas atividades relacionadas em cartazes. A primeira vamos pintar a mão direita para carimbar na cartolina, em seguida colaremos os olhos, a boca com lã vermelha e um laço amarelo feito com fita de cetim, construindo a imagem da personagem Lelê com a palma da mão, assim formaremos nosso primeiro cartaz que terá como título **Somos diferentes com direitos iguais**. A segunda vamos pegar uma figura impressa da personagem Lêle para pintá-la na cor de sua pele e também colaremos linha de lã preta em seus cabelos para formarmos lindos cachinhos, em

seguida, colaremos na cartolina formando o segundo cartaz que terá como tema **Nossa Lelê**.

5º ETAPA: Finalizarei com uma entrega das lembrancinhas (foto em anexo) confeccionada com pirulitos, imagens da personagem (imagens em anexo) e outra com palitos de picolé, com a imagem da lembrancinha anterior, incluindo o título “Somos diferentes, com diretos iguais” e abaixo coladas balinhas de café.

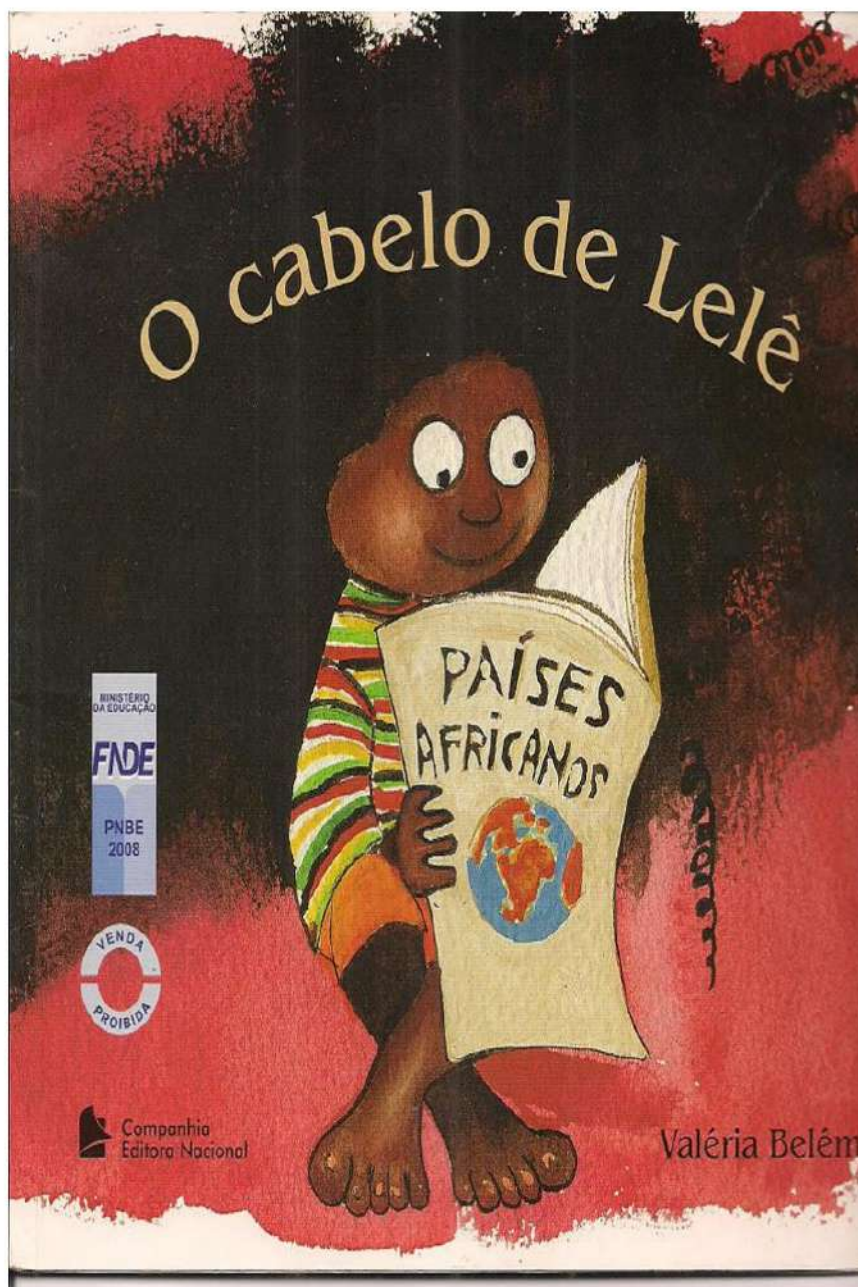
Recursos/materiais:

Balinhas de café;
Bonecas com pele clara e negra;
Caixa de som;
Cartolinas branca;
Cola de isopor e cola quente;
Cola vermelha;
EVAs vermelho, laranja e amarelo;
Fita de cetim amarela e vermelha;
Lápis diversos;
Linha de lã preta;
Material impresso;
Notbook;
Olhinhos;
Palitos de picolé;
Papel crepom amarelo;
Pirulitos;
Pistola de cola quente;
Tesoura;
Tintas branca e preta;

Avaliação: Farei observação dos alunos durante as atividades propostas na aula.

ANEXOS

ANEXO - A - CAPA DO LIVRO UTILIZADO "O CABELO DE LELÊ"



ANEXO - B

TERMO DE CONSENTIMENTO


Título da pesquisa: A literatura afro brasileira e suas contribuições para o ensino na educação infantil

Orientadora: Profa. Ms. Sheila Gomes de Melo

Prezada professora, você está sendo convidada a prestar informações para a pesquisa da aluna Elizângela da Costa dos Santos e, ao aceitar, estará permitindo a utilização dos dados aqui fornecidos.

A sua identificação não será divulgada, todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais e serão usadas, exclusivamente, pela pesquisadora do projeto.

Tendo em vista o conteúdo do parágrafo acima, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto consentimento em participar da pesquisa.

A handwritten signature in blue ink, reading "Nanella de Souza Henriques", is written over a horizontal line.

Assinatura da participante da pesquisa